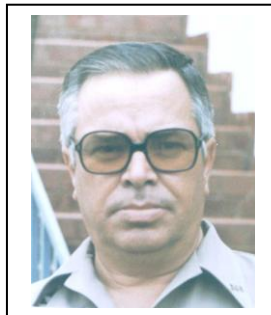


O FALECIMENTO DO MARECHAL FLORIANO PEIXOTO NA FAZENDA PARAIZO ,EM FLORIANO ATUAL-BARRA MANSA, Em 29 junho 1895.



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente da Acadsemasde História de Portugal. Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro ,Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a proposito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em 1981-1982; E correspondente dos CIPEL, IHGRGS, Academia Sul Rio Grandense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas;

Artigo do autor digitalizado para ser colocado na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim Especiala AMAN e integrado ao programa Pergamum de bibliotecas do Exército

O FALECIMENTO DO MARECHAL FLORIANO PEIXOTO NA FAZENDA PARAISO ,EM FLORIANO ATUAL-BARRA MANSA, Em 29 junho 1895.

XIIISIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO VALE DO PARAÍBA A PRESENÇA MILITAR

Em Resende e Itatiaia em 3-5 julho 1996

Cláudio Moreira Bento(x)

(Síntese de seu trabalho sobre o Mal Floriano na **A Defesa Nacional** n^o 771,1 trim,1996,p.111-119 ,em razão do comunicador que havia aceito falar sobre o tema desistiu em 25 junho de participar do Simpósio)

O marechal Floriano Peixoto faleceu há 101 anos ,em 29 junho 1895, na atual Fazenda Paraíso, em Floriano ,em Barra Mansa onde, quando de seu centenário de morte, foi evocado por ' entidades históricas nacionais ,estaduais e municipais em evento marcante promovido pela Academia Itatiaense de História e apoio do Hotel Fazenda Paraizo e cobertura da TV Rio Sul.

No ano de seu centenário em 1939 e no 44^o aniversário de sua morte, esta data foi escolhida pele presidente Getúlio Vargas para o lançamento da Pedra Fundamental da AMAN ,promessa feita por na Estação Ferroviária de Resende a um grupo de oficiais , no então QG do Destacamento do Exército do Leste combatendo A Revolução de 32 e, como uma promessa da Revolução de 30 que resgatou em 1944.

Eis em largos traços a rememoração do falecimento do marechal em Floriano no Vale do Paraiba e aspectos oportunos de sua vida e obra.

O dia 29 de junho de 1995 registrou o centenário de falecimento do segundo presidente da República, o Marechal Floriano Peixoto. Faleceu na Fazenda Paraíso, junto à estação ferroviária da divisa Resende- Barra Mansa, distrito atual de Floriano, aos 56 anos de idade. Herói nacional, foi consagrado pela História como o "**Consolidador da República**" e como o "**Marechal de Ferro**".

"Consolidador da República", por haver enfrentado e debelado diversas ameaças à República recém instituída, entre as quais a tentativa de proclamação da República Transatlântica de Mato Grosso, vinculada a interesses ingleses¹, a Guerra Civil (1893-1895) na Região Sul do País² e a Revolta na Armada.³ "Marechal de Ferro" pela energia, calma, determinação, sangue frio e coragem com que as enfrentou.⁴

4. Também pela resposta a ele atribuído, ao ser-lhe perguntado como seria recebido o desembarque das guarnições de navios estrangeiros no Rio de Janeiro para protegerem vidas e patrimônios de compatriotas. "**A bala!**" teria sido a resposta.

NASCIMENTO, INFÂNCIA E JUVENTUDE⁵

Floriano nasceu no modestíssimo engenho paterno do Riacho Fundo, distrito de Ipioca, próximo a Maceió (AL), em 30 de abril de 1839, quando ia acesa e viva, no Sul, a Revolução Farroupilha (1835-1845). Foi o quinto filho de numerosa prole.

FLORIANO MILITAR

Floriano ingressou no Exército em 1857, no **1º Batalhão de Artilharia, na Fortaleza de Santa Cruz**. Coursou a Escola Militar da Praia Vermelha e a do Largo de São Francisco (1857-1862).

A Guerra contra o Paraguai foi encontrá-lo servindo, como 1º tenente de Artilharia, em Bagé.^{1*}

Invadido o Rio Grande por São Borja, marchavam os paraguaios em duas colunas de cada lado do Rio Uruguai em direção a Uruguaiana, que foi conquistada. O Tenente Floriano, improvisado em comandante naval de uma esquadilha de quatro barcos, recebeu e desincumbiu-se muito bem da missão de impedir o contato das duas colunas⁹, que tentavam reforçar a coluna invasora.

Floriano retomou do Paraguai em setembro de 1870, após nele permanecer durante todo o conflito. Peregrinou por Mato Grosso e Amazonas e diplomou-se em Ciências Físicas e Matemáticas.

Voltara combalido. Não lembrava mais o cadete caboclo de força notável, campeão de esgrima a baioneta e temido adversário nas brigas, do tempo da escola, com valentões do Rio. Pediu licença para tratamento de saúde em Alagoas.

Nos quatro meses de licença, recuperou-se e se casou no posto de tenente-coronel, aos 33 anos com sua irmã adotiva e prima Josina, no engenho Itamaracá, em 11 de maio de 1872.

Em 1883, com 44 anos e 26 de serviço, foi promovido a brigadeiro. Comandou, então as Armas do Amazonas e Pernambuco. Em 1884, foi comandante das Armas e Presidente de Mato Grosso.

• O Brilho de sua Estrela

De 31 de janeiro de 1889 a 15 de novembro de 1894, dos 49 anos aos 54 anos, por mais de 5 anos, Floriano teve rápida e brilhante ascensão no cenário nacional: Comandante da 2ª Brigada do Exército, em São Cristóvão, integrada pelos 1º Regimento de Cavalaria (atual Dragões de Brasília), 2ª Regimento de Artilharia (atual Regimento Floriano) e Batalhão de Engenheiros, no qual combatera no Paraguai, (atual 1º Batalhão de Engenharia de Combate, em Santa Cruz); Ajudante-General do Exército¹² interino, até 15 de novembro de 1889, e efetivo após.¹³ Marechal-de-Campo (1889); Marechal (1890); Ministro da Guerra, 1º Vice-Chefe do Governo Provisório da República, Conselheiro de Guerra, Vice-presidente da República, eleito na chapa de oposição ao Marechal Deodoro, um e outro por eleição indireta. Finalmente, Vice-Presidente da República no exército da Presidência, de 23 de novembro de 1891 a 15 de novembro de 1894, mais de 3 longos e agitadíssimos anos dedicados a debelar crises políticas e diversas revoltas.

Seguramente, nenhum dirigente do Brasil, no Império e na República, enfrentou período mais conturbado do que ele, inclusive ameaças externas, na época da "**Diplomacia das Canhoneiras**", e a Questão de Palmas.¹⁴

Após passar a presidência ao seu substituto, a conselho médico, fez estação de águas, duramente quatro meses em Cambuquira.¹

14. Segundo o Coronel Davis R. de Sena, a solução favorável da Questão de Palmas, com a Argentina, é resultado do seu governo, que teve a feliz iniciativa de chamar o cônsul brasileiro em Liverpool, Inglaterra, Barão do Rio Branco, para defender os interesses do Brasil.

Passou os últimos 24 dias de vida na Fazenda Paraíso¹. Ali redigiu o seu testamento político, o qual se encontra reproduzido no final deste artigo.

Teve forte crise da enfermidade que o acometia em 28 de junho de 1895. Consciente da morte próxima, lamentou deixar filhos menores para educar. Acariciou seus dois caçulas Maria Josina e José e exclamou, após acariciar o último quando chorava: **"Que infelicidade!"** Manifestou desejo de ser sepultado na Estação da Divisa, atual distrito de Floriano. E faleceu.² No bolso de seu casaco foi encontrada, rascunhada, uma mensagem para jovens republicanos que estavam por visitá-lo da qual se transcreve o trecho abaixo:

"... A pretendida homenagem dos Srs. me enche a alma de um prazer imenso. Ela é um tributo de vossa gratidão a um velho servidor da Pátria, que lhe consagrou de coração o melhor de sua vida e, à República, por amor à qual sacrificou o resto da saúde e vigor que lhe deixaram a penosa campanha do Paraguai. Hoje, como vedes, vivo longe do lar a procurar vários climas para a reparação de forças perdidas nas lutas pela Pátria e pelas instituições..."³

A primeira autoridade vinda do Rio para seus funerais foi o Dr. Fernando Luiz Osório, filho e biógrafo do General Osório, com quem Floriano mantinha muito boa amizade.¹

Estavam, com Floriano, sua esposa e os filhos: Ana com 21 anos; Floriano com 17 anos; Maria Tereza com 14 anos; José com 10 anos; Maria Anália com 8 anos e Maria Josina com 4 anos. Portanto, cinco filhos menores. A ideia que normalmente nos ocorre seria a de um homem velho, com os filhos independentes e encaminhados na vida."

O TESTAMENTO POLÍTICO DO MARECHAL²⁷

"Meus amigos - Recebo com especial agrado a sincera manifestação do vosso apreço. Ela tem para mim um valor inefável, pois revela a generosidade dos vossos nobres corações. Ela me enche a alma de um prazer imenso, porque vejo nela um tributo de vossa gratidão a um velho servidor da Pátria, que lhe consagrou de coração o melhor de sua vida, e da República por amor da qual sacrificou o resto de saúde e vigor que lhe deixou a penosa campanha do Paraguai. Hoje, como vedes, vivo longe do lar a procurar em vários climas a reparação das forças perdidas nas lutas pela Pátria e pela novas instituições. Nessa peregrinação, alimento a esperança de alcançar do Criador a mercê de viver mais algum tempo para prover a educação dos filhos, órfãos há cinco anos dos cuidados paternos; e também para lograr o prazer de contemplar a jovem República livre dos embaraços que ora lhe estorvam os passos, a marchar desassombrada e feliz ao lado das nações mais adiantadas do Velho e do Novo Mundo. A vós, que sois moços e trazeis vivo e ardente no coração o amor da Pátria e da República, que a vós corre o dever de ampará-la e defendê-la dos ataques insidiosos dos inimigos. . .

Diz-se e repete-se que ela está consolidada e não corre perigo. Não vos fiéis nisso, nem vos deixeis apanhar de surpresa. O fermento da restauração agita-se em uma ação lenta, mas contínua e surda. Alerta! pois.

¹ Hoje, Hotel Fazenda Paraíso.

² *Causa mortis*, constante do atestado de óbito: "esclerosa hepática hipertrófica*.

A mim me chamais o consolidador da República. Consolidador da obra grandiosa de Benjamim Constant e Deodoro são o Exército nacional e uma parte da Armada, que à Lei e às instituições se conservaram fiéis.

Consolidador da República é a guarda nacional, são os corpos de polícia da Capital e do Estado do Rio, batendo-se com inexcedível heroísmo e selando com seu sangue as instituições proclamadas pela revolução de 15 de novembro.

Consolidador da República é a mocidade das escolas civis e militares, derramando o seu sangue generoso para com ele escrever a página mais brilhante da história das nossas lutas. Consolidador da República, finalmente, é o grande e glorioso partido republicano, que, tomando a forma de batalhões patrióticos, praticou tais e tantos feitos de bravura, que serão ouvidos sempre com admiração e respeito pelas gerações vindouras. São esses os heróis para os quais a Pátria deve volver os olhos, agradecida. A frente de elementos tão valiosos, não duvidei, um momento sequer, do nosso triunfo, e, pedindo conselhos à inspiração e à experiência e procurando amparo no sentimento da grande responsabilidade que trazia sobre os ombros, tive a felicidade de poder guiar os nossos no caminho da vitória. Foi esse o meu papel.

Se mérito existe nele, não almejo outra recompensa, senão a prosperidade da República e a estima dos que sinceramente lhe consagram o seu amor.

Vou terminar: as prescrições médicas não me permitem o mais leve trabalho mental: mas, para corresponder à vossa gentileza, não duvidei infringir os conselhos da ciência e escrever estas linhas, que vos entrego como penhor e testemunho da minha eterna gratidão. - Divisa, junho de 1895 -FLORIANO PEIXOTO."